

António Camões
Gouveia

Dor e Amor em Frei Tomé de Jesus

Dor e Amor em Frei Tomé de Jesus*

Apontamentos para uma leitura e algumas interpretações

Por António Camões Gouveia

"Este buenfraille portugués, que escribió su obra estando cautivo de los moros en Marruecos, tenía una fertilísima imaginación para inventar refinamientos dei padecer. Su libro, todo efusiones líricas y encendidas jaculatórias, es un largo himno (...) ai dolor."^f

(Miguel de UNAMUNO - *Por tierras de Portugal y de España*. Madrid: Espasa-Calpe, 1976, 8.^a ed., p.11).

45

Uma Época na História das Ideias Religiosas

Não entrando propriamente pela problemática do aparecimento das Reformas, nem por aquilo que a Europa "sentiu" desde finais do séc. XIV e que, em ondas sucessivas, se veio manifestando em tantas e tantas aflorações do religioso¹, preocupam-nos, mais que tudo, aflorações que resultam de uma sequência (e também das consequências), mais ou menos articuladas, de males: a guerra (dos Cem Anos 1339-1450, das Duas Rosas 1455-1485,...), as pestes (entre todas a Peste Negra, por volta de 1348), os mundos cismáticos ou hereges do fim do mundo medieval reagindo, quantas vezes socio-religiosamente, contra os mundos degradados da hierarquia eclesiástica aristocratizada². Afinal, aflorações que se configuram em formas de resolução da situação do homem face a Deus. E uma atitude religiosa, com resoluções religiosas, aquela que está por detrás da reforma.

A reforma é, pelos anos de 1500, e segundo Pierre Chaunu, a consensualidade em torno da necessidade da mudança³. Essa necessidade acaba por se expressar em formas muito diferentes, tanto que algumas, conduzirão ao pensar diversamente a Escritura e à realidade da ruptura da *Christianitas*.

* Este texto constituiu, já em 1985, sob diferente roupagem, das formas e algumas ideias, a Aula apresentada nas Provas Públicas de passagem de Assistente Estagiário a Assistente, na F.C.S.H. da U.N.L. Foi orientado pelo Prof. Doutor José Esteves Pereira e arguido pelo Prof. Doutor João Morais Barbosa (1945-1991). Agora, mercê da revisão cuidada e amiga da Proff Doutora Maria de Lurdes Correia Fernandes é, finalmente, publicado. Ontem, o Prof. Doutor João Francisco Marques era uma certeza metodológica de pesquisa, alguém que eu muito queria conhecer para com ele aprender e trabalhar. Hoje, é o Mestre, que tenho a alegria de contar entre os meus Amigos. Por tudo isto, e apesar de sentir que lhe devo maior qualidade e saber do que aqueles que aqui expressei, pareceu-me legítimo rebgscar um tema e texto que já são parte da minha memória de aprender a fazer História.

¹ Pierre CHAUNU - *Le temps des Reformes. Histoire religieuse et système de civilisation*. Paris: Fayard, 1982, pp. 11,31-33.

² Jean DELUMEAU - *La reforma*. Barcelona: Etlabor, 1977, p. 6.

³ CHAUNU - Op. c/t., p. 11.

Três aflorações da atitude de reforma

Para melhor compreensão do que dizemos recuperaremos três dessas aflorações que a atitude de reforma veio suscitando na Europa do início dos tempos modernos.

A primeira afloração a que dedicaremos a nossa atenção passa pelo aprofundar da realidade da presença de Cristo na alma e pelo sentir dessa presença. Falamos da mística dos séculos XIII e XIV. Como escreveu Huizinga, em frase de mestre, "das fases preparatórias do misticismo intensivo de uns poucos saiu o extensivo misticismo da *devotio moderna* de muitos."⁴

"Misticismo intensivo de uns poucos" escreveu Huizinga. O que foi a maneira de afirmar um traço de extrema importância, o da atitude individualista de reforma que aqui tocamos. Foram indivíduos isolados, retirados do mundo, que deixaram escritas as suas elaborações sobre o contacto directo entre Deus e o homem; foram ainda alguns desses indivíduos que tiveram esse contacto directo. Os nomes dos construtores das ideias religiosas e místicas de então são, entre todos, Eckart (7-1327), Ruysbroek (1293-1381), Tauler (1300-1361) e Suso (1295-1366) e, também, Catarina de Siena (1347-1380) e tantos e, sobretudo, tantas outras...⁵

O que se passou entre eles, o que detectamos nas suas obras como raízes da atitude de reforma que persistiu nos séculos seguintes? Primeiro, reconhecemos a par e passo um exercício ascético, metódico e quotidiano, visando um esvaziamento do *eu* por forma a deixar que aí a totalidade seja Deus. Depois, um desenvolvimento de crenças e pensamentos em que a interiorização ganha cor de união entre dois seres: o Criador, ente supremo, o homem, ente inferior.

Fortemente entrelaçada com esta construção mística, mas dela se diferenciando, com mais largo campo espacial e com raízes bastante diversificadas, a *devotio moderna* acabará por desenvolver uma atitude pastoral vincada, ou seja, uma procura da difusão de uma vivência cristã, pautada pelos referentes da Sagrada Escritura, detectados e retidos pela Igreja, e uma defesa da vivência ascética desses ideais, o que consequentemente conduziu a uma defesa da interiorização⁶.

Continua, por isso, a ser bem claro o afirmado por Maria de Lourdes Belchior e José Adriano de Carvalho sobre a multiplicidade da *devotio*: "A Europa - escrevem eles - dos fins do século XIV e do século seguinte é cruzada não só pela *devotio moderna* que arranca da acção e pregação de Gerard Groot na Flandres do século XIV, mas também pela *devotio moderna* que se difunde, desde Paris, devido à acção de J. Gerson. (...). Propondo o silêncio interior, a pobreza espiritual, a mortificação e, noutra ordem, a metodologização da oração como meio de interiorizar, logo aprofundar a oração e concedendo, por isso, uma atenção especialíssima à oração mental (meditação e contemplação) e à direcção espiritual, a *devotio moderna* coincide, até porque alguns têm nela a sua origem, com outras atitudes de reforma na Península Ibérica, v.g., o *recogimiento* de matriz franciscana e o erasmismo."⁷

⁴ Johan HUIZINGA - *O declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulisseia, s/d., p. 233.

⁵ Melquíades ANDRÉS MARTÍN - *Los recogidos. Nueva visión de la mística española*. Madrid: Fundación Universitaria Española, 1976; Melquíades ANDRÉS [MARTÍN] - *La mística primera y fundamental: el «recogimiento»*. *Historia de la Mística de la Edad de Oro en España y América*. Madrid: BAC, 1994, pp. 234-257; Pierre CHAUNU - *Op.cit.*, p.135-142; Francis RAPP - *U'Église et la vie religieuse en Occident a la fin du Moyen Age*. Paris: PUF, 1980, 2ª ed., pp. 226-243.

⁶ Johan HUIZINGA - *Op.cit.*, p.201; Francis RAPP - *Op.cit.*, pp. 243, 247.

⁷ Maria Lourdes BELCHIOR / José Adriano de CARVALHO - *Génese e linhas de rumo da espiritualidade portuguesa. Antologia de espirituais portugueses*. Lisboa: I.N.C.M., 1994, pp. 16-17.

Desenvolve-se, assim, um método de aperfeiçoamento e intensificação da vida interior. Método é palavra chave para a compreensão desta afloração de reforma. Daí que não seja difícil compreender que as primeiras compilações de textos com vista ao aperfeiçoamento da vida interior tenham surgido nos meios próximos da *devotio moderna*. Dessas compilações, o caminho para a composição de *Abecedários*, *Tratados de oração* e *Exercitados* ou *Exercícios Espirituais* foi fácil e aconteceu em continuidade⁸.

No topo desta actividade encontramos a *Imitação de Cristo*, obra anónima ou, talvez terminada, por Thomas Kempis (1379/80-1471). Aí se fixou o ideal da *devotio*, de tal forma consolidado e voltado para uma larga absorção que conseguiu ganhar a popularidade que na época só a Bíblia poderia disputar⁹. A obra comporta em si os temas essenciais da renúncia e da afirmação de uma religião interior. Aliás, o título latino, que encima a sua versão mais divulgada, é o de "*Imitatione Christi et contemptu omnium vanitatum mundi*" "II s'ouvre - escreve Francis Rapp - sur l'apologie du renoncement. Il évoque ensuite l'amitié que la pauvreté permet de nouer avec Jesus. Enfin la dernière des quatre parties est consacrée tout entière à la communion qui, lorsqu'elle n'est pas un geste vain mais un acte soigneusement préparé, renforce la présence du Christ dans l'âme fidèle."¹⁰

Estas duas atitudes obrigam a um jogo interior entre uma mortificação (que implica a dor) e uma aceitação da força do amor de Deus (que implica o amor puro ou perfeito) por forma a que o indivíduo possa não ser, para que, por amor, o Ser seja, em si¹¹.

Juntemos agora as linhas de força da *devotio moderna* e de outras espiritualidades, nomeadamente místicas. Atitudes de interiorização mais ou menos acentuadas, atitudes de mudança implicando clérigos e leigos, atitudes de aperfeiçoamento pela interiorização, pela leitura, pela meditação, pela contemplação. Passemos à Península Ibérica do século XVI; aí encontraremos a terceira afloração que pretendemos analisar; a do *recogimiento* a que, por vezes, se ligam relações, complexas e mais ou menos distantes, com os *alumbrados*¹².

⁸ Melquiades ANDRES MARTIN - Pensamiento teológico y vivência religiosa en la reforma española (1400-1600). *Historia de la Iglesia en España*. Madrid: BAC, 1980, t. III, vol. 2, pp. 337-342; Francis RAPP - *Op.cit.*, pp. 247-248.

⁹ T. KEMPIS (?) - A *Imitação de Cristo*. *Anais das Bibliotecas e Arquivos*. Trad. de c.1468, por Frei João Álvares. Intr. Magalhães Basto. 1946, vol. 17, n.º 65-70, p.39-48, 75-84, 191-197; Frei João ÁLVARES (c.1406-1490) - Carta scripta em Bruges (1468) e Trautado De *imitatione Christi* (1477). *Obras*. Ed. Adelino Almeida Calado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1959, vol.II, pp. 157-217; *imitação de Cristo*. Trad. de 1791, por Frei António de Pádua e Belas. Lisboa: Verbo, S/d.; José Sebastião da Silva DIAS - *Correntes do sentimento religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, p. 552; Artur ANSELMO - A *Imitação de Cristo*. *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: INCM, 1981, pp. 69-73; Maria Lourdes BELCHIOR /José Adriano de CARVALHO - *Op. cit.*, pp. 16-17.

¹⁰ Francis RAPP - *Op. cit.*, p. 248.

¹¹ Pierre CHAUNU - *Op. cit.*, pp. 134-135; Johan HUIZINGA, *Op. cit.*, p. 233.

¹² Para um desenvolvimento do tema e das práticas dos *alumbrados* e suas relações com o *recogimiento* podem encontrar-se elementos em Mareei BATAILLON - *Erasmus y España*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1979; If reimp. da 2ª ed., 1966, pp. 166-225; Marcelino MENENDEZ PELAYO - *Historia de los heterodoxos españoles*. Madrid: BAC, 1978, 3ª ed., pp. 145-166; Melquiades ANDRÉS MARTIN - *Op. cit.*, pp. 343-349. Mas devem considerar-se, pela sua sistematicidade, Melquiades ANDRES - *Historia de la mística de la Edad de Oro en España y América*. Madrid: BAC, 1994 e Álvaro HUERGA - *Historia de los alumbrados*.

Avançamos no tempo, restringimos a área geográfica, constatamos o pensar do religioso "novo" num período em que a atitude de reforma era já, aqui, atitude de Reforma Católica. Agora, grupos de leigos, de "beatas"¹³, em conjunto com alguns religiosos e clérigos, realizam uma reforma que nem sempre pareceu compadecer-se com essa Reforma Católica.

Em Espanha, em larga escala, em Portugal, por uma importação fácil, os *recogidos* ganham posição. Nunca passarão de pequenos grupos, mas terão importância no desenvolvimento posterior das ideias religiosas que se baseiam em pressupostos de interiorização do divino.

As suas ideias podem enunciar-se com a simplicidade que os seus mentores pretendiam, com vista, tanto quanto possível, à massificação de atitudes de recolhimento interior ou até de "misticismo". No ponto de partida está uma defesa e prática de oração mental, que se alia à confiança na acção de Espírito no interior de cada homem, o que conduz à defesa da comunhão frequente. Só por estes tópicos podemos compreender quanto interessava mais aos *recogidos* o interior dos cristãos que, inevitavelmente, conduziria a toda uma série de mudanças reformistas, do que uma reforma de cariz institucional, ou de forte cariz moralizante¹⁴.

Estender a todos a possibilidade de melhorar, interiorizando, a sua vida de cristãos, foi a atitude dos *recogidos*, nalguns casos, através de atitudes de Reforma Católica.

V. *Temas y personajes (1570-1630)*. Madrid: Fundacion Universitária Espanola, 1994. Todos estes e muitos outros trabalhos, a compulsar com os dados de Silva DIAS - *Op. cit.*, pp. 245-407 e com a síntese de José Adriano de CARVALHO - *Gertrudes de Helfta e Espanha*. Porto: INIC, 1981, pp. 62-81 e *passim*.

⁸ Vejam-se as inovadoras e incisivas análises, em 1960, escritas por Silva DIAS - *Op. cit.*, pp. 375-407, que hoje podemos confrontar com Álvaro HUERGA - *Tas beatas*. *Op. cit.*, pp. 191-220. A temática das "beatas" deve merecer a nossa atenção, apesar de todos os limites das suas fontes informativas. Sem pretender qualquer interpretação ou aportação, gostaríamos de chamar a atenção para algumas linhas que, a seu propósito, se cruzam durante os sécs. XVI e XVII ibéricos. A primeira recai sobre a sua dimensão feminina, que é realidade comum e transversal a todo o tema. Uma segunda, sobre os limites por vezes ténues que então se estabelecem entre as diferentes esferas do pensar e do fazer e, sobretudo, entre o laico e o religioso, e entre o ortodoxo e o heterodoxo. Neste sentido, citam-se de seguida, por ordem de publicação, algumas aportações trazidas, ou pelas fixações e estudos críticos de alguns textos ou pelo desenvolvimento de alguns temas, que podem permitir um pôr de questões e interrogações, na esfera das interligações com preensivas. Helmut HATZFELD - *Mística femenina clásica en Espana y Francia. Estudios literários sobre mística espanola*. Madrid: Editorial Gredos, 1976, 3ª ed., pp. 212-244; José Adriano de CARVALHO - *Gertrudes de Helfta e Espanha*. Porto: INIC, 1981; Maria de Jesus de ÁGREDA - *Correspondência con Felipe IV. Religión y razón de Estado*. Intr. Consolación Baranda. Madrid: Castalia, 1991; Richard L. KAGAN - *Los sueños de Lucrecia. Política y profecía en la Espana dei siglo XVI*. Madrid: Nerea, 1991; Mafalda Maria Ferrii CUNHA - *A "Fiel e verdadeyra relação que dá dos sucessos de sua vida a creatura mais ingrata a seu creador...": um género, um texto único*. Lisboa: Tese Mestrado F.C.S.H. da U.N.L., 1992; Maria de Lurdes Correia FERNANDES - *Espelhos, Cartas e Guias. Casamento e espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)*. Porto: Universidade do Porto, 1995; Ana de JESUS - *Cartas (1590-1621). Religiosidad y vida cotidiana en la clausura femenina dei Siglo de Oro*. Ed. Concepción Torres. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1995; *La monja alférez Dona Catalina de Erauso. Dos manuscritos autobiográficos inéditos*. Ed. Est. Pedro Rubio Merino. Sevilla: Cabildo Metropolitano de la Catedral de Sevilla, 1995; Isabelle POU-TRIN - *Le voile et la plume. Autobiographie et sainteté féminine dans l'Espagne moderne*. Madrid: Casa de Velázquez, 1995; José Pedro PAIVA - *Bruxaria e superstição num país sem "caça às bruxas" (1600-1774)*. Lisboa: Editorial Notícias, 1997.

⁹ Silva DIAS - *Op. cit.*, pp. 358-360, 594-595, 604-605.

Um caso: a reforma dos Agostinhos

Foi, contudo, no mundo fechado dos mosteiros e em alguns ambientes conventuais que a Reforma Católica iniciou o seu caminho. Exactamente, porque se tratava de um mundo fechado, de um conjunto de pequenas comunidades isoladas, foi fácil, pela acção de alguns, detentores de postos de autoridade, o que todas as Regras previam, restaurar as comunidades em desagregação por razões de corrupção. Por detrás está a atitude de reforma que a Europa respirava e, conseqüentemente, as aflorações que dela se vinham manifestando¹⁵.

Consideremos, dentro desta perspectiva, o mundo monástico português do século XVI. Melhor ainda, o mundo da reforma de uma ordem monástica, aquela em que viveu e cresceu espiritualmente Frei Tomé de Jesus: a Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho¹⁶. Para isso seguiremos, com ligeiríssimas alterações, as indicações que Silva Dias nos deu no seu livro, *Correntes do sentimento religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)*¹⁷.

A reforma deve ter-se iniciado por volta de 1527/1533 e atingiu um ritmo visível cerca de 1543. Depois de graves dissidências internas quanto às eleições para Vigário Geral, nas quais o Rei D. João III interviu abertamente, a Província acabou por, em 1535, ter nomeados dois reformadores. Eles vêm de Espanha e são: Frei Francisco de Vilafranca e Frei Luís de Montoya (1497-1569).

A actividade dos reformadores prossegue com mais ou menos intensidade nos anos seguintes. Montoya dirige o colégio universitário da Ordem, em Coimbra, que serve aos noviços, Vilafranca restaura o Colégio da Graça, em Lisboa e, a partir dele, os mosteiros da província. A partir de 1555 Frei Luís de Montoya, por morte de Frei Francisco de Vilafranca, fica sozinho à frente da reforma. As suas linhas de rumo são a austeridade e a interiorização da mensagem cristã, marcas comuns às diferentes tendências espirituais e reformadoras.

¹⁵ Pode fazer-se uma aproximação à reforma das ordens monásticas com o auxílio de LLORCA, GARCIA VILLOSLADA e MONTALBAN - *Historia de la Iglesia Católica. III Edad Nueva (1303-1648)*. Madrid: BAC, 1967, p.519-545; Jean DELUMEAU - *Le Catholicisme entre Luther et Voltaire*. Paris: PUF., 1979, 2^ªed., p.43-47; e José GARCIA ORO - *Conventualismo e observância. La reforma de las ordenes religiosas en los siglos XV y XVI. Historia de la Iglesia en Espana*. Madrid: BAC, 1980, t.3, vol.I, p.211-349. Casos portugueses mereceram a atenção de Cândido dos SANTOS - *Os Jerónimos em Portugal* Porto: INIC, 1980 e de Eugênio dos SANTOS - *O Oratório no Norte de Portugal*. Porto: INIC, 1982.

¹⁶ Designámos por Agostinhos os diferentes ramos dos Eremitas de Santo Agostinho, também conhecidos por Gracianos, Agostinhos Calçados e Descalços ou Recolectos, tendo sido este último aquele que Frei Tomé de Jesus lançou e incentivou. cf. Silva DIAS - *Op.cit.*, p.120 rodapé; Hipólito MARTINEZ, Teodoro C. MADRID, António Banha de ANDRADE - *Agostinhos. Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa: Resistência, 1980, vol.I, p.69-77.

¹⁷ Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960, p.105-120, 295-361. O resumo de Silva DIAS deverá ser com pulsado e acrescentado com informações conseguidas em: Fr.Jerónimo ROMÁN - *Chronica de la Orden de S.Augustin*. Salamanca: Joan Baptista de Terranova, 1569; Fr.Jerónimo ROMÁN - *Historia de la Orden de los Frayles Hermitanos de Sant Augustin*. Alcalá de Henares: Andres de Angulo, 1572; *Ordinário dos religiosos eremitas de N.P.S.Agostinho da provinda de Portugal, no qual se ordena tudo o que pertence ao culto divino, segundo a ordem do Concílio Tridentino e Clemente VII*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1605; Fr. António da PURIFICAÇÃO - *Crónica da antiquíssima Província de Portugal da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho*. Lisboa: 1642, I Parte, 1656, II Parte; Fr. Andres de SAN NICOLAS - *Historia general de los religiosos descalzos dei orden de los ermitahos dei gran padre y doctor de la iglesia San Avgvtn de la congregación de Espana*. Madrid: Andres Garcia de la Iglesia, 1664.

Mas os esforços de tantos anos continuavam a encontrar fortes resistências entre aqueles, da Ordem dos Eremitas, que atacavam a observância que se procurava impor. Ainda antes da morte de Montoya, por volta de 1565/1566, um frade agostinho, em tantos aspectos filho espiritual do reformador, tenta recuperar o sentir observante e garantir-lhe uma vida despreocupada. O seu nome é Frei Tomé de Jesus.

O frade pretendia fundar em Portugal uma re colecção agostiniana, onde se viveria com intensidade a austeridade a espiritualidade que os observantes vinham tentando impor a toda a Ordem. O seu biógrafo D. Frei Aleixo de Meneses (1559-1617) escreverá a este respeito, "*foi grande zelador da observância regular, e vida religiosa; e assim vendo que alguns com desejo de maior perfeição se passaram à Itália a viver em congregações mais apertadas de Recoletos da Ordem, para consolo destes, e remédio de outros muitos, que pretendiam o mesmo, determinou fazer uma congregação de Recoletos no Reino de Portugal, de grande penitência e pobreza*"¹* Mas estes esforços foram gorados.

Para que assim tivesse acontecido contribuíram duas razões: a má fama de que gozavam as observâncias italianas e alemãs onde se afirmava existirem fortes infiltrações de ideias luteranas, que se consolidaram nalgumas passagens de monges agostinhos para o campo da Reforma Protestante; a própria formação espiritual de Frei Tomé de Jesus, próxima de Frei Luís de Montoya. Nesta altura, a perspectiva reformista encontrava-se, mais uma vez, preclitante perante os ataques de um grupo antagónico da re colecção, encabeçado por Frei Sebastião Toscano (7-1580)¹⁹, que a referiam como inibidora do desenvolvimento interno que Montoya vinha propugnando.

Juntemos a estes dois dados a aparição da obra de Frei Luís de Montoya *Obras de los que aman a Dios*²⁰, volume que desapareceu quase completamente das bibliotecas portuguesas o que, possivelmente, aponta para uma actuação da Inquisição. E o facto de o já então suspeito à Inquisição espanhola, Frei Luís de León (1527-1591)²¹ ser um dos indigitados membros da re colecção, que Frei Tomé de Jesus propunha e Montoya apadrinhava. Era difícil que durante a Reforma Católica se aceitasse está confluência, daí que a incitativa rigorista da re colecção se tenha gorado.

Deixemos, por fim, o resumo que temos vindo a realizar e demos a palavra a Silva Dias que pode concluir, melhor que nós, sobre o peso da reforma de Montoya e da espiritua-

⁸ D. Frei Aleixo de MENESES - Vida do venerável Pe.Fr.Tomé de Jesus, religioso da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho da Província de Portugal. *Frei Tomé de Jesus. Trabalhos de Jesus*. Porto: Lello, 1951, 6ª ed., vol. I, p.7; Frei António de GOUVEIA - *Jornada do Arcebispo de Goa, D. Fr. Aleixo de Meneses, primaz da Índia Oriental*. Coimbra: Diogo Gomes Loureiro, 1606; Avelino de Jesus da COSTA - Acção missionária e patriótica de D.Frei Aleixo de Meneses, Arcebispo de Goa e Primaz do Oriente. *Congresso do Mundo Português*. Lisboa: 1940, vol. V I, pp. 209-247.

⁹ Frei Sebastião TOSCANO - *Mística teologia, na qual se mostra o verdadeiro caminho para subir ao céu, conforme a todos os estados de vida humana*. Lisboa: Francisco Correia, 1568; Mário MARTINS - *A Mística Teologia de Frei Sebastião Toscano*. Coimbra: Coimbra Editora, 1957, Sep. *Biblos*, vol. XXXII; Silva DIAS - *Op. cit*, pp. 123, 128.

²⁰ Lisboa: João de Barreira, 1565.

²¹ *Fray Luis de León. Actas de la Academia Literária Renacentista*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1993; Melquíades ANDRÉS MARTIN - *Fray Luis de León (1527-1591)*. *Op. cit*, pp. 354-358.

lidade tanto do *recogimiento* como, em certa medida, a dos *alumbrados*, entre os Eremitas de Santo Agostinho.

"Os grupos pietistas de Lisboa mantinham contacto entre si e reconheciam geralmente a Frei Luís de Granada por seu mentor supremo²². Um desses grupos tinha assento no Colégio da Graça, dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho. O seu chefe aparente era Frei Tomé de Jesus, frequentador assíduo e discípulo aproveitado do célebre dominicano.

Os Colégios da Graça [de Lisboa e de Coimbra] eram escolas de vida austera e de espiritualidade contemplativa. O da capital distinguia-se mais que qualquer outro nesses dois pontos. Além de Montoia e de Vilafranca, residiam nele Fr. Ubertino Ennio (7-1559), francês de nascimento, conhecido por seus êxtases e vida de oração; Fr. Paulo de Barleta (7-1580), italiano, muito favorecido de Deus; Fr. Agostinho da Graça (7-1593), antigo mestre de Lovaina e grande amigo da oração, em que diariamente gastava muitas horas. Fr. Valentim da Luz fora ali mestre de noviços²³. Fr. Sebastião Toscano lá tivera também a sua cela. E Fr. António da Paixão foi um dos seus priores. Eram muitos os que impeliam para fora da "via comum", para fora da mediocridade de ideias e de preocupações, a gente daquela casa.

A reforma dos Eremitas de Santo Agostinho foi dirigida por Fr. Luís de Montoia. O que conhecemos da sua personalidade e actuação, deixa ver que ele era inclinado aos exercícios de austeridade à rigorosa observância monástica e à meditação afectiva e doutrinal da vida de Cristo. A obra escrita²⁴ que nos legou confirma essa impressão e põe ainda em relevo o papel das constelações teológicas agostinianas no seu espírito. Montoia tem, de facto, um sentido muito agudo da misericórdia divina e do que ela representa na economia da salvação. Apela constantemente para uma prática afectiva e interior, dominada pela força do espírito e da comunhão da alma com Deus. As consolações espirituais e a devoção sensível têm inteiro cabimento dentro do seu sistema, muito embora o principal acento deste esteja nos valores da fé, da adesão e do amor. Todo o seu ensinamento aponta, com efeito, para uma piedade interiorista e de puro amor."²⁵

²² Sobre Fr. Luis de Granada (1504-1588), Balbino MARCOS - La figura literaria y ascética de! dominico fray Luis de Granada (1504-88). *Historia de la iglesia en Espana*. Madrid: BAC, 1980, t. III, vol. 2, pp. 507-514; Maria Idalina Resina RODRIGUES - *Fray Luis de Granada y la literatura de espiritualidad en Portugal (1554-1632)*. Madrid: Fundación Universitaria Espanola, 1988; *Fray Luis de Granada su obra y su tiempo. Actas del Congreso Internacional, Granada, 27-30 Septiembre, 1988*. Granada: Universidad de Granada, 1993, 2 vols; Álvaro HUERGA - Fray Luis de Granada entre mística, alumbrados e Inquisición. *Op. cit.*, pp. 261-279.

²³ Sobre Fr. Valentim da Luz (15257-1562), J. S. da Silva DIAS - *Op. cit.*, pp. 232-243 e *O erasmismo e a Inquisição em Portugal. O processo de Frei Valentim da Luz*. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, 1975.

²⁴ Fr. Luís de MONTROYA, *Obras de los que aman a Dios*. Lisboa: João de Barreira, 1565; *Vida de Jesus amantissimo unigénito hijo de Dios y de la sacratissima Virgem Maria*. Lisboa: Marcos Borges, 1565; *Tercera parte de la vida de Jesus...que trata de su sagrada passion*. Lisboa: Manuel Juan, 1566. Será baseada em esboço de Frei Tomé de Jesus, de antes de 1578, aproveitado por Frei Jerónimo ROMÁN a *Historia de la vida dei muy religioso Fray Luís de Montoya*. Lisboa: António Álvares, 1588? Cf. Jerónimo de SANTIAGO VELA/Bonifacio MORAL, *Ensayo de una Biblioteca Ibero-Americana de la Orden de San Agustin*. Madrid: 1920, vol. V, pp. 589-597; José Adriano de CARVALHO - Tomé de Jesus. *Antologia de espirituais portugueses*. Lisboa: INCM, 1994, p. 356.

²⁵ Silva DIAS - *Correntes...*, *Op. cit.*, pp. 322-323. As notas ao longo da citação são nossas.

Um autor e um texto

Biografia

Por volta de 1529 nasce Tomé de Andrade, filho do tesoureiro-mor de D. João III (1521-1557), Fernão Álvares de Andrade. É criado em ambiente nobre e cultivado, sendo seus irmãos, entre outros nove, o teólogo tridentino Pe. Diogo Paiva de Andrade (1528-1575), Francisco de Andrade (15407-1614), guarda-mor da Torre do Tombo e cronista do Reino, e Frei Cosme da Apresentação (1544-1580), também ele frade de Santo Agostinho²⁶.

Tomé de Andrade professa em Lisboa, em 1544, no convento da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho. Toda a sua infância tinha sido passada nos conventos da Ordem, sobretudo no de Coimbra onde foi dirigido e sofreu forte influência do reformador Fr. Luís de Montoya. Adopta o nome de religião de Tomé de Jesus²⁷.

Depois de professar, a sua actividade desenvolve-se, quase sempre, no convento da Graça, em Lisboa, com algumas estâncias em Penafirme. Foi durante alguns anos deste período que Frei Luís de Montoya lhe deu o cargo de mestre de noviços na casa lisboeta. Da função resultou um livro *Costumes do noviciado*¹¹, do qual se conjectura conhecerem-se apontamentos posteriores²⁹. Nos apontamentos da Graça, sendo ou não de sua mão, o que se constata é o enorme peso concedido à oração mental como forma de preparar os noviços³⁰.

A sua actividade na Ordem, depois da tentativa de criação de uma recolecção agostiniana, é interrompida pela participação na jornada de África e sua prisão em Alcácer Quibir, em 1578.

Ao longo de quatro para cinco anos de cativo, de 1578 a data posterior a 27 de Novembro de 1582, Frei Tomé de Jesus desenvolve larga actividade entre aqueles prisioneiros que, por falta de meios económicos, não foram resgatados pelas famílias. Aí escreverá os *Trabalhos de Jesus* e a *Carta à Nação Portuguesa* que os precede; esta última leva a data de oito de Setembro de 1581, que é ainda aquela em que ficaram terminados os *Trabalhos*.³¹

Os *Trabalhos de Jesus*

Ainda antes de algumas notas sobre a obra e a sua organização interna importa deixar claro que estamos perante um trabalho que, para além de tudo aquilo sobre que iremos debru-

²⁶ Sobre os Andrades mais notabilizados vejam-se: M. Lopes de Almeida - *Introdução. Francisco de Andrada. Crónica de D. João III*. Porto: Lello, 1976, p. V-LXVIII; Manuel Augusto RODRIGUES - *Diogo de Paiva de Andrade. IV Centenário da sua morte. Revista de História das Ideias*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1977, vol. I, p. 237-286. Sobre Frei Tomé de Jesus: D. Frei Aleixo de MENESSES - *Op. cit.* vol. I, p. 5-21; Diogo Barbosa MACHADO - *Bibliotheca Lusitana*. Coimbra: Atlântida Editora, 1966, t. III, p. 756-758; Inocêncio Francisco da SILVA - *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: INCM, 1973, vol. VII, p. 359-361; SILVA DIAS - *Op. cit.* p. 330-331; José Adriano de CARVALHO - *Tomé de Jesus... Op. cit.* p. 353-356.

²⁷ Joaquim de CARVALHO - *Literatura religiosa*. (Fr. Heitor Pinto; D.Fr. Amador Arrais e Fr. Tomé de Jesus). *História da literatura portuguesa ilustrada*, Lisboa: Bertrand, 1931, vol. 3, p. 95; José Augusto MOURÃO - *Do esvaziamento do si no abandono ao outro (Deriva à volta dos Trabalhos de Jesus de Frei Tomé de Jesus)*. *Dimensões da alteridade nas culturas de língua portuguesa - o outro*. Lisboa: FCSH da UNL, 1985, vol. I, pp. 135-145.

²⁸ Barbosa MACHADO engloba-o entre os manuscritos, afirmando que "por esta instrução se educavaõ os Noviços", *Op. cit.* p. 757.

²⁹ Estes apontamentos, mais tardios e manuscritos são, segundo Silva DIAS, *Op. cit.* p. 332 rodapé, os *Exercícios do noviciado de Nossa Senhora da Graça feitos pelo Venerável P. M. frey Luis de Montoia*.

³⁰ Joaquim de CARVALHO - *Op. cit.* p. 95; Silva DIAS - *Op. cit.* pp. 332-333.

³¹ Joaquim de CARVALHO - *Op. cit.* p. 96; José Adriano de CARVALHO - *Op. cit.* p. 356.

çar-nos, tem como tónica, como que razão principal de ser na sua formulação criativa, uma vinda e bem presente dimensão ascética.

Escritos entre 1578 e 1581 os *Trabalhos de Jesus* só foram impressos depois da morte do seu autor. A primeira parte saiu em Lisboa, em 1602, editada por Pedro Craesbeeck; a segunda parte só em 1609 foi editada, também em Lisboa, por Vicente Álvares³².

A obra é de uma estrutura simples. Inicia-se com a "*Dedicatória à Rainha do Céu e da Terra. A Sempre Virgem Maria Senhora Nossa*"³³ à qual se segue a "*Carta à Nação Portuguesa*"³⁴ e o "*Prólogo ao leitor*"³⁵. Traça-se, de seguida, um pequeno, mas importante, excuro inicial, onde ficam patentes o método e a forma de usar a obra.

Sob o título de "*Doutrina dos frutos da consideração dos trabalhos de Jesus*"³⁶, figura um texto geral e uma sequência de "*Avisos do modo que se há-de ter para tirar o fruto que se pretende da lição, e consideração dos trabalhos de Jesus*"³⁷. Os *Avisos* fornecem uma leitura do texto dos *Trabalhos* enquanto "exercício", deixando em subtitulação a sinopse dos conteúdos: "*Modo que se há-de ter na hora do exercício, Modo que se há-de ter no exercício do exame quotidiano, Motivos que podem acender a alma em amor do Senhor atribulado*".³⁸ Terminadas as apresentações, o texto toma o rumo que o título propõe: a narração dos *Trabalhos de Jesus*.

Os *Trabalhos* são em número de cinquenta, mais dois capítulos finais³⁹. Os cinquenta apontamentos estão divididos em duas partes, os "*Trabalhos de Jesus que passou da hora em que foi concebido, até o dia em que padeceu, resumidos em vinte-e-cinco*"⁴⁰ e os "*Trabalhos de Jesus os quais passou o Senhor no dia da sua sacratíssima paixão*".⁴¹

Por sua vez cada um dos *Trabalhos* está dividido em duas partes: a primeira, corresponde à narração do trabalho que Jesus passou; a segunda, a um exercício de reflexão-meditação do qual aquele, que lê-medita, pode retirar razões e forças, para desenvolvimento da sua vida interior. No final de cada exercício, que é, também, o final de cada trabalho, existe um parágrafo em que se pede a intercessão, junto de Deus, à Virgem Maria e à Corte Celestial⁴².

³² *Bibliografia cronológica da literatura de espiritualidade em Portugal, 1501-1700*. Dir. José Adriano de Carvalho. Porto: Faculdade de Letras, 1988, n.º 702, n.º 762. Sobre a divulgação posterior dos *Trabalhos*, cf. Francisco Leite de FARIA - Difusão extraordinária do livro de Frei Tomé de Jesus. *Anais*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1982, pp. 165-234.

³³ Frei Tomé de JESUS - *Trabalhos de Jesus*. Seg. ed. de 1866, de Inocêncio Francisco da Silva. Porto: Lello & Irmão Editores, 1951, 6ª ed., vol. I, pp. 23-24. [A partir daqui reduzimos a indicação bibliográfica ao título da obra, *Trabalhos de Jesus*, indicando, de seguida, o volume e a página. As ideias e expressões que queremos destacar/"ler", nos textos transcritos, aparecem a **bold**].

³⁴ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 25-33.

³⁵ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 35-36.

³⁶ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 37-45.

³⁷ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 46-73.

³⁸ *Trabalhos de Jesus*, I, respectivamente pp. 55-61, 61-65, 65-73.

³⁹ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 369-393

⁴⁰ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 75-507.

⁴¹ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 5-368.

⁴² Apesar de muito parciais, os artigos de Mário MARTINS poderão juntar a esta simples descrição da ordenação do livro aspectos relacionados com a sua elaboração, como são os relativos à intertextualidade. Cf. A filiação espiritual de Frei Tomé de Jesus, *Brotéria*. Lisboa: 1946, n.º 42/6, pp. 666-672; O pseudo-Taulero e Frei Tomé de Jesus, *Brotéria*. Lisboa: 1946, n.º 42/1, pp. 21-30. Devem-se a José Augusto MOURÃO, importantes e inovadoras apertações, sobre as textualidades em presença nos *Trabalhos*. Cf. Do esvaziamento do si no abandono ao outro (Deriva à volta dos *Trabalhos de Jesus* de Frei Tomé de Jesus). *Dimensões da alteridade nas culturas de língua portuguesa*

Um autor e um método

Quando os *Trabalhos de Jesus* são escritos e, depois, quando vêm a luz do dia com a impressão, na Península Ibérica abundam livros pensados e divulgados para melhoria da vida interior de cada um. Frei Tomé de Jesus sabe-o e afirma-o como um perigo. Logo no início do seu livro dirá, "e é isto nestes nossos tempos mais **perigoso**, que nos passados; porque como **temos agora mais coisas destas escritas, anda a linguagem do espírito mais geralmente sabida e menos exercitada; e muito na língua, e pouco na obra, e experiência.**"⁴³ Mais à frente, pelo contrário, refere-se-lhes não como perigo, mas como um meio de aperfeiçoamento de religiosos e leigos, escrevendo, "mas porque **não podem todos ser Religiosos, nem achar mestre a que se cometam, de que por nossos pecados há muita falta no mundo, sirvam-se para o modo de proceder em seus exercícios, da lição dos livros (se os acharem) que ponham em prática o exercício da maneira que nele se há-de proceder.**"⁴⁴

54

Valerá a pena fazer, aqui, uma chamada de atenção para esta produção referindo aqueles dos trabalhos que foram mais paradigmáticos. De entre todos eles, salientaremos os que foram assinados por Frei Francisco de Osuna, São Pedro de Alcântara, Santo Inácio de Loyola, Frei Luís de Granada, Santa Teresa de Jesus, Frei Luís de León e São João da Cruz⁴⁵.

Os fiéis devem compreender que mesmo os santos percorreram um caminho, tiveram de aprender a vivência de Deus e, depois, iniciar-se nela. Tal como acontece com os noviços que, orientados por "mestres espirituais e experimentados"⁴⁶, acabam por chegar à conversação em Deus abandonando a vida mundana.

O que o leitor necessita é uma disposição para a aprendizagem daquilo que se propõe ao longo da obra. Não há ali remédios fáceis mas ajudas para a construção da vida interior. Por isso, entre os que simplesmente querem ler a obra e aqueles que querem exercitá-la, como ao longo dela se propõe, a diferença é grande. Os primeiros, passam o tempo; os segundos, entram em

- o outro. Lisboa: FCSH da UNL, 1985, vol. I, pp. 135-145; *Para uma semiótica literária: paixão, discurso, sujeito nos trabalhos de Frei Tomé de Jesus*. Lisboa: Tese Doutoramento, FCSH da UNL, 1991, passim; Frei Luis de Granada e frei Tomé de Jesus: a hipótese intertextual. *Fray Luis de Granada su obra y su tiempo*. Op. cit, vol. II, pp. 321-332.

⁴³ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 37. Joaquim de CARVALHO - Op. cit, p. 94; M[§] Lucília G. PIRES - *Para uma leitura intertextual dos «Exercícios Espirituais» do Padre Manuel Bernardes*. Lisboa: INCM, 1980, pp. 31-34.

⁴⁴ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 48.

⁴⁵ Não é nosso propósito fazer aqui um levantamento da produção bibliográfica destes autores mas, tão só, referir a data da primeira edição de algumas daquelas obras que maior circulação e assimilação tiveram, na Península Ibérica, durante os tempos modernos 1527 [primeira parte em 1525] - Frei Francisco de Osuna O.F.M. (1492?1497?-1542), *Tercera parte del libro llamado Abecedario Espiritual*; 1548 [escritos na sua maioria em 1522] - Santo Inácio de Loyola SJ. (1491-1556), *Ejercicios espirituales*; 1556 [Lisboa, por João Blávio, 1556? 1561? 1563?; escrito em 1533] - São Pedro de Alcântara O.F.M. (1499-1562), *Tratado de la oración y meditación*; 1556 [Lisboa, por João Blávio] - Frei Luís de Granada O.P. (1504-1588), *Guia de pecadores*; 1583 [Évora, pela Viúva de André de Burgos; escrito em 1567] - Santa Teresa de Jesus O.C.D. (1515-1582), *Camino de perfección*; 1583 - Frei Luís de León O.S.A. (1527-1591), *Los nombres de Cristo*; 1583 - Frei Luís de Granada O.P. (1504-1588), *Introducción al símbolo de la fe*; 1588 [escrito em 1577; Ped. nos *Libros de la Madre Teresa de Jesus*] - Santa Teresa de Jesus O.C.D. (1515-1582), *Libro de las moradas*; 1618 - São João da Cruz O.C.D. (1542-1591), *Obras espirituales que encaminan a una alma a la perfecta unión con Dios*. Os *Trabalhos* como "arte de orar", cf. José Augusto MOURÃO - Frei Luis de Granada e frei Tomé de Jesus..., Op. cit, p. 327.

⁴⁶ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 47.

"recolhimento em hora certa"⁴⁷ por forma que possa "ir o espirito mais livre e mover melhor o affecto"⁴⁸ para o aperfeiçoamento interior⁴⁹.

Para chegar a ouvir Deus tem qualquer homem que proceder a uma purificação do seu interior, purificação que só é possível com um domínio do exterior. É esse trabalho que Frei Tomé vai ensinar a fazer por meio de um método simples: imitar a Jesus é, primeiro que tudo, imitar o caminho da cruz, da dor e do amor. O seu método é o da mortificação (dos sentidos, da mente...) e o da aceitação de que essa mortificação é, já, imitação de Jesus⁵⁰.

"O remédio geral, e principal que há para não cair nestes perigos, e para sair dos em que tem caído, é entender muito deveras qual é a **substância na vida espiritual**, para a ter por norte e regimento de todos os exercícios. Esta é a **mortificação e amor**. A mortificação que não acende o amor de Deus, é suspeitosa: e o amor, que não mortifica, não merece tão divino nome. Este é o claro e escuro que dá ser e perfeição à vida espiritual"⁵¹

O método proposto assenta numa defesa da direcção interior por parte de um homem experimentado e "espiritual". Essa direcção passa pela necessidade da confissão do penitente, que assim se purifica, e pela recepção com frequência da comunhão, numa atitude de participação no divino através do corpo e sangue que a transubstanciação trouxe ao altar⁵².

Como não podia deixar de ser, a segunda vertente do método é a da oração. Toda a obra é um incentivo a essa atitude fundamental da interiorização. Ao tratar do "*Desamparo que Cristo teve na cruz*", Frei Tomé de Jesus deixou-nos um pequeno resumo do caminho que a alma atravessa, pela oração, pelo crescer da união com Deus⁵³.

Fica claro que à alma será dada uma "*cruz de tentações*" e que perderá a "*consolação das criaturas*", quer dizer, que será por um espaço de aprendizagem, conseguido por amor e por entrega, que se atingirá o "*perfeitíssimo estado dos perfeitos amadores e servos de Deus de muitos não entendido*"⁵⁴. Todas estas dimensões do método proposto, ficam consignadas naquilo que poderíamos chamar a planificação da vida espiritual: "*Trabalhe por ter vida ordenada e ocupada: porque a natureza regrada e ordenada cria menos malícia e conhece-se melhor e acha o demónio menos entrada para tentar. Entende-se esta regra e ordem no comer, dormir e em ter hora certa para recolhimento e oração, cada dia costume de ouvir missa, dias certos para usar dos sacramentos, que devem ser a miúdo para alimpar a alma, ofício divino, ou orações vocais particulares, devoção particular a Nossa Senhora e a alguns Santos, a que se encomende cada dia como a advogados seus e peça seu favor em todas as suas necessidades; e examine cada dia a alma, assim das culpas, como do aproveitamento e com renovação dos bons propósitos.*"⁵⁵

⁴⁷ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 36.

⁴⁸ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 48-49.

⁴⁹ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 48.

⁵⁰ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 39-42.

⁵¹ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 39.

⁵² *Trabalhos de Jesus*, I, p. 48, 52. Cf. referências das notas n.º 14, sobre a comunhão frequente e n.º 94 sobre a confissão.

⁵³ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 326-328.

⁵⁴ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 327.

⁵⁵ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 50-51.

O Homem face a Deus

Face a Deus o homem está como coisa criada face ao seu criador. A dependência é, deve ser, a da confiança. Uma confiança que é certeza do "poder" e do "querer" de Deus, desde que o homem saiba "crer" e aceite uma vontade para lá da sua. Não há grande inovação na posição que Frei Tomé assume. Ela é a que a Escritura propõe e que a prática cristã veio desenvolvendo ao longo dos séculos. Só se acentuam dois tópicos. Ao "poder" e "querer" de Deus dá-se a força do amor, que a dor da paixão transmitiu. Ao "crer" do homem assimila-se a dor, que conduz, por imitação da dor de Jesus, ao amor. A mesma disponibilidade de entrega, mas uma tónica pessoal⁵⁶.

56

O peso dos sentidos e do afectivo

Coloca Frei Tomé de Jesus, em local cimeiro das suas ideias religiosas, o peso do sentir. Este, é a forma de aprender o caminho e caminhar para Deus. Não admira a sua cuidadosa recomendação. Logo na descrição do modo de se estar na hora do exercício, se devem deixar libertos os sentidos para que melhor se sinta Deus, para que se possa "*levantar a alma a Deus e enternecer-se*"⁵⁷. Do mesmo modo, se deve conservar, em seguida ao exercício, o sentir que Deus comunicou durante a meditação: "*Acabada a hora e tempo que tomou para o exercício e oração, se esteve nele brando e visitado do Senhor, levante-se com suspiros, ou com paz e sossego, como quem leva a Deus consigo, e com mais recolhimento interior que poder, se vá ao que há-de fazer, suspirando muitas vezes ao Senhor, ou abraçando-se com tão bom companheiro, como consigo leva e trabalhe para conservar quanto puder aquela luz, paz e fervor que lhe foi comunicada e naquele gaste quantos momentos puder, até chegar a outra hora de oração*"^{58*}.

Só é possível implicar desta forma os sentidos porque, em todo o seu pensamento, existe uma noção muito real da humanidade de Cristo. Ele vangloria-se do "*Deus homem*"⁵⁹, esse Deus que ele adora apesar de "*vestido de mísera carne, e mortalidade*".⁶⁰ E não são simples afirmações. O Deus que os cravos ferem ou a quem a lança abre o peito é um homem, um homem que sofre na carne dilacerada, que mostra as entranhas feridas e ensanguentadas⁶¹. Face a esse espectáculo de crueldade real e dor sentida, não pode o fiel ficar indiferente e deve sentir, sentir com amor⁶².

Cristão que não sente não se situa face à divindade humanada e deve pedir ao seu Deus

⁵⁶ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 56, 222, 349.

⁵⁷ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 56.

⁵⁸ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 59.

⁵⁹ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 81.

⁶⁰ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 80.

⁶¹ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 245, 371.

⁶² Silva DIAS - *Op. cit.*, pp. 585-587, 606-607. Escreve José Adriano de CARVALHO: "Tocámos um problema delicado: qual é o lugar reservado à contemplação da humanidade de Cristo pelo *recogimiento*? Conhecedor das dificuldades, das polémicas e dos desvios verificados por causa desta questão, Francisco de Osuna explica desde o começo do prólogo do seu livro que «La santísima humanidad de Cristo, nuestro Dios y Señor, cuanto es de su parte, no impide ni estorba el recogimiento por apurado y alto que sea...», *Gertrudes de Helfta...*, *Op. cit.*, p. 69, *passim*."

que lhe ensine a sentir, a crer afectivamente: "*Olha alma, a crueldade com que pegam no Senhor, e o mandam estender sobre a Cruz, e a mansidão com que a tudo obedece! Como tomam a medida para os buracos, e o pregam sem nenhuma piedade pelas partes mais sensíveis, que são os nervos, com duríssimos e grossos cravos de ferro; e se podes, sente a grandeza daquelas imensas dores; e se o não sabes sentir, deseja-o, e pede-o ao Senhor que to conceda, porque padeças no coração o que ele com tanto amor padeceu em seu sacratíssimo corpo.*"⁶³

Crer afectivamente nasce com o sentir da dor e cresce com o amor. Esse crescimento resulta de uma atitude de repúdio do "sentir" do mundo, de *contemptus mundi*, de recusa do exterior e de apelo ao interior, ao fogo do espírito, para que apenas se sinta o calor do amor.

"Ó Deus de meu coração! Ó todo bem da minha alma, ó consolador, ó amparo dos desamparados, (...) desejo que já que tudo vos falta nesta hora, **vos não falte eu com este pobre espírito, e fraco e frio amor. Abrasai-o vós, meu Deus, para que sinta o que passais e vos ame, me abraça, e pegue com esta Cruz, para vos ajudar a sentir vossos imensos trabalhos.**"⁶⁴

Vamos, mais uma vez, recorrer a Silva Dias para concluir sobre as implicações, ao nível dos modelos paradigmáticos, mais ou menos intelectualizados e interiorizados, e suas aflorações, nas práticas quotidianas de devoção. Assim fica escrito, em conclusão inteipretativa e problematizante, nas *Correntes do sentimento religioso*: "Fr. Tomé reproduz talvez mais fielmente que Granada a ideia-força da escola. O Mestre dominicano, na sua primeira fase, à força de querer recomendar e fazer aceitar as excelências da oração mental, deixou em lugar relativamente secundário a mortificação. O discípulo segura os dois poios da cadeia, e, esclarecido já pelos debates doutrinários do terceiro quartel do século e com a experiência dos iluminados à sua frente, põe a oração e a mortificação em perfeito estado de equilíbrio, mostrando como a vida espiritual depende delas duas e como ambas se inteipenetraram e condicionam mutuamente. (...). Os *Trabalhos de Jesus* baseiam-se no método afectivo e não deixam pressentir nem a meditação discursiva, com a sua ordenação e divisão rigorosa da matéria, nem a meditação amorosa e prática, de forma menos sistemática. O seu estilo, arredo das abstracções do Norte, reflecte os processos afectivos de Santo Agostinho e Hugo de Balma, desenvolvidos depois pela escola franciscana. O movimento do afecto tem mais relevo na sua técnica que a imaginação e o discurso."⁶⁵

A necessidade do "*contemptus mundi*"¹

É preciso repudiar o "sentir" do mundo, é preciso que cada cristão adquira uma atitude interior, "*cerrai meus sentidos e coração ao mundo*"⁶⁶, escreve Frei Tomé. A mortificação fica,

⁶³ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 255.

⁶⁴ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 337-338.

⁶⁵ Silva DIAS - *Op. cit.*, p. 336 rodapé; M[§] L. Gonçalves PIRES - *Op. cit.*, p. 21. Vai mais longe José Augusto MOURÃO, ao comparar Frei Luís de Granada e Frei Tomé de Jesus, falando de uma "meditação afectuosa em Cristo crucificado", Frei Luis de Granada e frei Tomé de Jesus..., *Op. cit.*, p. 324.

⁶⁶ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 257.

⁶⁷ Silva DIAS - *Op. cit.*, pp. 334-336.

⁶⁸ Tal como se passa no complexo doutrinário deduzido por Erasmo (1469-1536), no *Enchiridion* (1ª ed. junto com *Lucubrationes*, 1504), a propósito da trilogia "corpo-espírito-alma", que tinha sido captado na obra clássica de Orígenes (185-253), e que ressalta bem no seu *Tratado sobre la oración*. Madrid: Ed. Rialp, 1967. Cf. *Enchiridion militis christiani*. Paris: Vrin, 1971, pp. 109-110, 123-124.

de novo, aqui implicada⁶⁷ pois é a forma de ultrapassar dois obstáculos, o corpo e o mundo⁶⁸.

O corpo é carne, forma de sentir material, forma de sentir de acordo com o homem-animal que a queda inicial restaurou, é um sentir com o Demónio⁶⁹ Ao corpo deve ser dado o necessário e não o lícito⁷⁰ porque o maior inimigo que a alma tem é o corpo, inimigo que pode mesmo derrotar o espírito⁷¹. Cuidar e amar o corpo é ocasião dos maiores pecados entre os homens e daí que Jesus, desde o seu nascimento, trate o seu com um desprezo que deverá ser exemplo para todos aqueles que o querem imitar⁷².

Detestar o mundo torna-se uma necessidade para o avanço espiritual. Frei Tomé sentiu-o bem. Não fora o abandono da Corte, que a casa paterna lhe proporcionaria com facilidade, pela cela da Graça e, mais ainda, de Penafirme, e ele nunca teria conseguido uma distância do exterior que lhe esvaziasse o coração dos afectos mundanos. Depois de Alcácer Quibir não é essa atitude, aliada a uma missão de apostolado, que está por detrás da sua recusa de aceitação da liberdade preferindo permanecer entre os cativos não resgatados?

O homem que está face a Deus está sozinho, despojado de tudo e todos, é interior e repúdio do exterior. Vale por si e pelo que deixou ao seu redor⁷³. Na cela, sobretudo na cela do seu coração, agora vazio pela contínua mortificação do corpo e suas ligações ao mundo, o homem tem "tempo" para empreender o caminho para Deus pela oração. Na oração, o *contemptus mundi* ganha dimensão, transforma-se de simples atitude necessária, numa realidade da vida interior, uma forma de amor. *"É a oração - escreve Frei Tomé de Jesus - coisa que o corpo pior sofre, e a troca dela tomaria antes açoites. Porque na mental oração, os sentidos, a vaidade dos seus pensamentos (que é a coisa em que se mais desenfada) e suas inclinações estão aferrolhadas; e da oração sai a alma com mais cuidado sobre ele, e vigia-se mais dele."*⁷⁴

A linguagem da dor e do amor

Não abundam, na obra de Frei Tomé de Jesus, belas imagens poéticas para expressar o divino, ou o contacto com o divino, tal como se podem encontrar em Francisco de Osuna, em Teresa de Ávila ou em João da Cruz. A sua linguagem cuidada literariamente é a linguagem de um homem sensível e amante daquilo que escreve, cuidadoso no dizer e, sobretudo, no fazer-se compreender pelos outros⁷⁵.

A linguagem que a dor e o amor motivaram foi uma linguagem de exclamações, a

⁶⁹ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 345, II, p. 177.

⁷⁰ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 173.

⁷¹ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 170-171.

⁷² *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 138-139.

⁷³ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 127, 137-138.

⁷⁴ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 174.

⁷⁵ "Tomé de Jesus acumula num só livro uma polifonia de vozes e de géneros, de modos, entremendo a narração com o comentário e este com a meditação, a doutrina breve, a oração e a adoração. E o seu português, sem deixar de ser elegante, escoreito e imaginativo, não atinge nunca os píncaros de outros autores seus contemporâneos", José Augusto MOURÃO - *Frei Luis de Granada e frei Tomé de Jesus...*, *Op. cit.*, p. 331. uma compreensão da linguagem de Frei Tomé de Jesus é imprescindível compulsar o estudo abrangente e problemático realizado pelo mesmo autor, *Para uma semiótica literária...* *Op. cit.*

transposição ao escrito de "gritos de alma". Alma enlevada na contemplação da perfeição divina. A essa característica junta-se o realismo da narração dos trabalhos, em que, com uma linguagem capaz de estabelecer conotações sensitivas, o frade agostinho consegue que o leitor participe naquilo que narra.

*"Ó, ó, ó amor! Ó, ó, ó amor. (...). Ah! ah! ah! Deus, ah! ah! ah! meu! Ó se aqui em ti se acabasse o que tu não és! Vive amor, e vive em mim. Viva eu só em ti, ó Deus, ó amor, ó meu, ó Jesus. (...). Ó quem sempre a essas chagas, e açoites suspirasse, e a elas de todo o coração se aferrasse!"*⁷⁶

Uma questão de obediência

O caminho das observâncias passa por uma defesa da obediência, como forma de virtude e de garantia do cumprimento do estipulado nas regras das Ordens. Não nos deve por isso admirar o peso que Frei Tomé concede ao "obedecer" como estrutura de aperfeiçoamento.

O obediência tem, no seu pensamento, duas dimensões principais. É a obediência que conduz Jesus a sofrer os trabalhos, as dores, para que o amor possa inundar os homens decaídos. Obedecer é uma atitude de fidelidade que, em Jesus, dimana da sua união com Deus Pai. Sendo assim, o sofrimento de Jesus é um sofrimento obediente do Deus-homem, contra o qual o homem-Deus pode, se não revoltar-se, pelo menos, reagir com "medo". Por isso, na pena de Frei Tomé, nos aparece escrito: *"Todavia sustentava ele sua humanidade com a virtude de sua divindade, para que chegasse ao cabo com tudo quanto determinava padecer"*⁷⁷

Só que a obediência, porque é fazer a vontade própria ainda que mandada, ganha a dimensão do amor. Ganha-a na própria dor, aspecto que já tocámos. Mas ganha-a, também, no acto de vontade que é afirmação de individualidade e da capacidade do homem se assemelhar a Deus.

Por uma acção de amor Jesus padece o determinado, mas porque o quer e por isso obedecendo, o que torna toda a caminhada, sua e do homem, um acto de obediência⁷⁸. *"Despia-se, vestia-se, tornava-se a despir, dava as mãos para lhas atarem e desatarem, lançava-se sobre a Cruz para o pregarem com tanta mansidão e obediência como se foram mandamentos do Padre Eterno."*⁷⁹

A obediência ganha uma segunda dimensão na imitação a que obriga os cristãos. Obedecer ao texto bíblico, ao conjunto dos mandamentos, é obedecer e participar de um acto de vontade querido por Deus. Se essa obediência ganha a dimensão do espiritual que é, em Frei Tomé, a da imitação da dor de Cristo com o amor que este sentiu, então, obedecer torna-se acto de entrega, gozo de sofrer e participação real no divino⁸⁰. Afinal, ao homem, obedecer não é mais que uma questão de aceitação do seu lugar face a Deus e da possibilidade de subir nesse lugar até ao Criador.

⁷⁶ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 88, 211, II, p. 177.

⁷⁷ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 266.

⁷⁸ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 85, 369.

⁷⁹ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 242.

⁸⁰ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 82, II, p. 37.

Uma questão de obediência é uma questão de adoração: "*Adoro esse amor tão consolador. Adoro essa vontade tão amiga do meu remédio. Que fora de mim, meu Deus, se vós não fôreis esse para mim ?*"⁸¹

A beleza da perfeição: a atracção afectiva do extraordinário.

Aquele que sofre os trabalhos, aquele que sofre as dores, mas que é, também, o que obedece ao amor e possibilita o amor dos homens é "belo".

A beleza de Deus resulta da sua perfeição, naturalmente que o Ser perfeito engloba em si a beleza. Ao longo dos *Trabalhos* pode ler-se quanto chora Frei Tomé as disformidades que a dor impõe a Jesus. Esse sentir do horrível é a constatação da ofensa que a dor provoca na beleza perfeita que se ama. Aliás, na sequência do neoplatonismo do Renascimento, o amor aparece mais fácil para com o que é belo, provocando muitas vezes a transformação do "*amador na cousa amada*"⁸².

Depois, existe a noção do carácter extraordinário do homem-Deus. Deus, que é perfeito, que é aquele que é⁸³, é belo. A sua beleza incarna e, como tal, é beleza extraordinária, que está para lá do quotidianamente visto e sentido. Em consequência, o homem adere ao belo por amor e ao extraordinário, que o solicita, ao mesmo tempo, que se lhe impõe pelo que tem de não-ordinário. Pesa a diferença, pesa a escolha, pesa a atracção da individualidade da escolha que a atitude de reforma pressupõe, mas a Reforma de Roma parece querer anular, uniformizando.

A beleza e o seu peso atractivo, uma esfera em que o amor e a dor são dimensões de afirmação e de disformidade. Mas, apesar do disforme, o extraordinário cativa a alma, que caminha, que volta à beleza, porque aí está a perfeição: "*Ó quão longe, bom Jesus, de vós fugi, quanto me apartei de vós, divina formosura, tão antiga e tão noval*"⁸⁴

As lágrimas: a pureza da água e do sentir

A partir de finais do séc.XIV, com o seu cume no séc.XVII, as lágrimas ganham forma de símbolo. Nele se expressa, na vida interior, a dor e o sentir arrependido. As lágrimas de São Pedro⁸⁵ e de Maria Madalena⁸⁶, literária a asceticamente tão motivadoras, foram o ponto de partida. Frei Tomé de Jesus não fugiu ao gosto e sentir da época⁸⁷.

As lágrimas, elemento biologicamente inerente ao homem, aparecem, ao longo dos

⁸¹ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 336.

⁸² Luís de CAMÕES - *Lírica completa II*. Ed. Maria Lurdes Saraiva. Lisboa: INCM, 1980, p. 265; Cf. Leodegário A. de Azevedo FILHO - *Lírica de Camões*. Lisboa: INCM, 1989, t. II, pp. 975-986; Giacinto MANUPPELLA - Note dichiarative. Leão Hebreu. *Diálogos de Amor*. Lisboa: INIC, 1983, vol. I, pp. 508-519.

⁸³ Ex. 3:14.

⁸⁴ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 339.

⁸⁵ Mt. 26:30-35, 69-75; Mc. 14:26-31, 66-72; Lc. 22:31-34, 54-62.

⁸⁶ Lc. 7:36-50. Luís de Sá FARDILHA - Maria Madalena: lágrimas, amor e culpa. *A culpa e as lágrimas: fontes, formas e manuais de penitência em Portugal (séculos XV-XVIII)*. Via Spiritus. Porto: 1995, n? 2, pp. 746; Helena BARBAS - *Imagens e sombras de Santa Maria Madalena na literatura e arte portuguesas (sécs. XVI aXX)-a construção de uma personagem, simbolismos e metamorfoses*. Lisboa: Tese Doutoramento, FCSH da UNL, 1998.

⁸⁷ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 89-90.

Trabalhos de Jesus como em outras obras de espiritualidade, como símbolo da afectividade amorosa. Jesus chorou pela dor e pelos pecados dos outros, dos outros que ele amava e que, com a limpidez da água, via aparecer-lhe como perdidos se não os amasse até ao fim, quer dizer, até ao sangue da dor⁸⁸. Os homens choram pelos seus pecados e por saberem a dor que obrigaram Jesus a sentir⁸⁹.

Assim aconteceu com Maria, a mulher-mãe de Deus: soltará "*rios de lágrimas de seus purísimos olhos*" ao assistir à morte do seu filho e Filho de Deus e então sentirá "*novo martírio de dores*" que a visão do crucificado não aplacará⁹⁰. Ao mesmo tempo, Jesus chora também "*à vista das dores de sua sacratíssima Mãe*."⁹¹

Sinal de dor, as lágrimas são a afirmação da capacidade da união sensitiva que essa dor solicita e que toma forma na relação de amor. Daí a luta pelo dom das lágrimas, afinal pela exteriorização visível da capacidade de sentir com Jesus. Amar um acto de afecto, afecto que ao tocar reciprocamente o amante e o amado faz aflorar, aos olhos, a pureza da água, enquanto se espera o sangue do holocausto.

*"Todas as lágrimas têm neste Senhor singular companhia: as tristes têm o seu sentimento de seu paternal coração; as ferventes têm o amor que nele arde; as desejosas têm os bens que elas merecem; de qualquer qualidade que sejam, sendo santas, a ele tem em braços, e isto basta. Coisa é para cada um olhar muito por seus gostos, para saber se pode ter entrada a este Senhor e parte em suas piedosas e amorosas lágrimas. (...). E por isso aconselhou àquelas mulheres, que derramassem diante de Deus suas lágrimas mais por si, que por ele, para merecerem os frutos daquele sangue, que por elas se derramava, e escaparem dos castigos, que estavam aparelhados àquela cidade e povo."*⁹²

O sangue: a purificação

Nem obedecendo, nem aceitando a perfeição da beleza, nem com a lavagem pura das lágrimas, o homem se purifica e entra na posse da atitude espiritual que o conduz à participação em Deus. Só o sangue o consegue.

O sangue é a grande manifestação da dor. Contemplar os trabalhos de Jesus referentes à Paixão é assistir à narração emotiva da maceração de um corpo que escorre sangue e nele se esgota. O sangue banha o coipo, empapa a terra, salpica aqueles que rodeiam Jesus... é obsessiva esta imagem do sangue abundante e tornado visível⁹³.

⁸⁸ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 124-125, II, p. 247.

⁸⁹ *Trabalhos de Jesus*, I, pp. 134-137, II, p. 37.

⁹⁰ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 317.

⁹¹ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 311.

⁹² *Trabalhos de Jesus*, I, p. 129, II, p. 230.

⁹³ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 168-169. Cf. Frei António de PORTALEGRE - *Meditação da inocentíssima morte e payxam de Nosso Senhor*. Coimbra: João Barreira e João Álvares, 1548, [1.ª imp. 1547?] e sobre ele, Mário MARTINS - "Ritmos de amor e dor". *Brotéha*. Lisboa: 1943, t. 37, pp. 5-19; uma panorâmica do tema pode conseguir-se em José SANCHEZ HERRERO - "Piedad y artes plásticas. La devoción a la preciosa sangre de Cristo durante los siglos XIII a los primeros años del XVI y su influencia en las manifestaciones artísticas". *Piedadde Popular*. Actas. Lisboa: Terramar/CHC da UNL, 1999.

Parece que Frei Tomé quer deixar bem claro a superabundância do perdão⁹⁴, da purificação que o sangue implicou em todos os homens. Depois de tanto sangue derramado, sangue de Deus, como podem os homens deixar de se sentir perdoados e incentivados para o encontro com o amante que por eles tanto fez? O homem purifica-se no sangue do homem-Deus, nesse sangue que o torna novo, que o lava e recria; pelas lágrimas, o homem pôde sentir, pelo sangue, o homem sente novo. O frade asceta parece profetizar, "*cheia está a divina Escritura das grandezas que temos pelo sangue de Cristo*"⁹⁵.

"*Ó sangue puríssimo e preciosíssimo, eu te adoro; não me levantarei, Senhor, destes vossos pés até que todo me limpeis, com este sacratíssimo licor. Corra, doce Jesus, sobre mim, lave-me, e purifique-me todo, pois só nele está meu remédio. (...). Lavai-me, Deus meu, com a virtude deste sacratíssimo sangue, com ele me purificai e limpai, para que sempre a vós, puríssimo Deus, esteja. (...). Adoro-te, divino sangue, que com tua corrente levas a terra ao Céu; com tua enchente alagas em divinos bens todas as almas, e com tua quentura fazes de inimigos amigos.*"⁹⁶

O sangue adora-se como sinal exterior da criação do homem novo e, não só se adora, como se agradece e se requer a Deus. O homem que não atingiu, ainda, o estado espiritual avançado, que pode não ter passado uma via purgativa, deve exclamar para que o sangue de Jesus escorra e o purifique, tingindo-o do rubro doloroso que lhe possibilitará o amor.

A cruz: o símbolo da dor de amor

O "*sacratíssimo altar da Cruz*"⁹⁷ assim se refere Frei Tomé de Jesus ao símbolo da redenção do homem. Sem a cruz, nem as lágrimas nem o sangue existiriam; ela foi o instrumento propiciatório do holocausto, a razão que possibilitou que da dor nascesse amor e que, por aí, todos pudessem ter amor a Deus.

A cruz é, nos *Trabalhos de Jesus*, todo o caminho que temos vindo a traçar e percorre-o com a simbologia que já está expressa no texto bíblico. É a cruz do "obedecer" em cada dia; a cruz que se ergue no Calvário como extraordinário acto de uma "beleza perfeita"; a cruz que

⁹⁴ O caminho da Reforma Católica foi muito percorrido pelo incremento da lógica da culpabilização/perdão, que rodeia a divulgação e imposição da direcção/controlo de consciências, regulados pela prática dos directores espirituais e confessores. Nesse sentido se situa o contributo fundamental e inovador de Jean DELUMEAU - *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIIIe -XVIIIe siècles)*. Paris: Fayard, 1983. Sobre a realidade portuguesa: Maria Lurdes C. FERNANDES - As artes de Confissão. Em torno dos Manuais de Confessores do século XVI em Portugal. *Humanística e Teologia*. Porto: 1990, n.º 11, pp. 47-80, Do manual de confessores ao guia de penitentes. Orientações e caminhos da confissão no Portugal pós-Trento. *Via Spiritus*. Porto: 1995, n.º 2, pp. 47-65; João Francisco MARQUES - Os Jesuítas, confessores da Corte Portuguesa na Época Barroca (1550-1700). *História. Revista da Faculdade de Letras*. Porto: 1995, II Série, n.º XII, pp. 231-270. A propósito do transbordar sigilista do séc.XVIII, António Pereira da SILVA - *A questão do sigilismo em Portugal no século XVIII*. Braga: Editorial Franciscana, 1964; Juan António ALEJANDRE - *El veneno de Dios. La Inquisición de Sevilla ante el delito de sollicitación en confesión*. Madrid: Siglo XXI, 1994.

⁹⁵ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 197.

⁹⁶ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 178, 179, 375.

⁹⁷ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 244.

conduz às "lágrimas" dos homens por dor dos sofrimentos de Jesus, de Jesus porque a teme como homem e a quer como Deus; é, finalmente, a cruz que anula o "sangue" no corpo já chagado de Jesus e o conduz, porque é altar, à realidade de purificador amoroso dos homens. "É a Cruz - escreve José Augusto Mourão - o trabalho mais pateticamente explorado, figurado e o motivo mais largamente glosado enquanto figura do despojamento e do abandono. (...). Nem o *recolhimento* nem o *contemptus sui* levam ao aniquilamento do *si*: o esvaziamento é antes o meio, o lugar de identificação/separação com esse ponto nulo da Cruz"⁹⁸.

Poderíamos alongar as imagens que o símbolo engloba", mas cremos que uma curta passagem do texto nos serve para sintetizar o que até aqui dissemos. No "*Exercício à Cruz*" Frei Tomé empresta voz a Jesus e, em discurso directo, faz este elogio a tudo aquilo que a cruz é, e significa: "**Ô minha amada, querida, e toda a vida desejada! Vós sois a minha formosa esposa, por quem sirvo, e a quem espero há trinta e três anos. Vós sois a tesoureira de minhas riquezas, triunfo de minhas vitórias, glória e coroa de meu amor. Hoje seremos unidos em perpétuo esposório; quem vos servir, a mim serve, e quem vos desprezar, a mim despreza. Vós sereis de hoje em diante a honra dos meus; e quem de vós se prezar será honrado, e quem de vós se correr será abatido. Hoje me receberás em teus braços, hoje te baptizarei em meu sangue, e hoje ficarás mãe, e amparo de todas as gentes.**"⁹⁹

A dor e o amor

Não vamos narrar todas as tonalidades que a dor¹⁰¹ e o amor¹⁰² ganham ao longo dos *Trabalhos de Jesus*. Ficou já bem claro, na análise dos oito tópicos que destacámos e dos textos que fomos aduzindo, como eles se implicam.

O amor, o puro amor¹⁰³, pode o cristão alcançá-lo desde que percorra um caminho. O caminho é de *contemptus mundi*, passa pela mortificação dos sentidos e pela oração, realiza-se por obediência.

A dor adquire então um carácter purificador, uma vez que é fruto das dores que Jesus sofreu nos seus trabalhos; imitar Cristo é sofrer com Cristo.

⁹⁸ José Augusto MOURÃO, *Do esvaziamento...*, *Op. cit.*, p. 144. Das referências bíblicas, neo-testamentárias, são de salientar, Mt. 10:38, 16:24; Lc. 9:23; Gal. 5:24; Rom. 6:6; Gal. 2:19; Col. 2:14-15.

⁹⁹ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 83, II, pp. 228-231, 235-236.

¹⁰⁰ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 231-232.

¹⁰¹ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 168-169, 244, 255, 258, 316-317, 325, 335-337, 340, 370, 379. Cf. José Adriano de CARVALHO - *Evolução na evocação de Cristo sofrente na Península Ibérica (1538-1630). Homenaje a Elias Serra Rafols*. La Laguna: Universidad de la Laguna, 1970, vol. II, pp. 47-70; M. LAGET - *Déterminisme et liberte: approche d'une histoire du conditionnement, la peur de souffrir. History of European Ideas*. Oxford: Pergamon Press, 1982, vol. 3, n.º 2, pp. 177-185.

¹⁰² *Trabalhos de Jesus*, I, p. 339, II, pp. 176, 233, 250, 259, 262, 324-325, 369-370, 377. Como escreve José Augusto MOURÃO, "um só pode amar, o outro só pode ser amado. Como relembra Alberoni: «por causa desta assimetria total, desta insuperável distância, o amor místico é sempre revelação do ser como amor e em relação ao qual tudo é contingência»", *Do esvaziamento...*, *Op. cit.*, p.140.

¹⁰³ *Trabalhos de Jesus*, I, p. 66, II, pp. 250-252.

Quanto mais o homem ama a Cristo mais lhe dói¹⁰⁴ e por isso esses "*tamanhos mares de dores*"¹⁰⁵ são a razão primeira de se querer amar mais. O gosto da dor torna-se, a pouco e pouco, o gosto do amor, ambos unificados no amor de Deus. Como conclui Frei Tomé de Jesus, tudo isto são extremos, que só se unem na perfeição do amor, perfeição para a qual o homem deve caminhar sentindo o seu caminho. E que sentimentos mais fortes que o da dor e o do amor para assegurarem a certeza desse caminhar?

"Ó amor roubador, ó amor transformador, tão pobre, e tão rico; tão nu e tão cheio; tão encoberto, e tão alumiado; tão cativo e crucificado, e tão livre senhor e triunfador! O que isto é senhor meu, vós só o ensinai, de todo o entendeis: só vós o dais a sentir. (...). **Amais vivendo, amais morrendo, amais depois de morto, e amais para sempre.** (...). São tudo isto em **extremos de dor e amor**: de dor, como clara prova de excessivo amor; e do amor que assim triunfou neste Senhor, que levou nele ao cabo tudo quanto pelos pecadores foi servido passar."^m

¹⁰⁴ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 249.

¹⁰⁵ *Trabalhos de Jesus*, II, p. 324.

¹⁰⁶ *Trabalhos de Jesus*, II, pp. 179, 254, 375.